

RUMO À ANARQUIA CADA PASSO É UM OBSTÁCULO

DA PRAÇA SYNTAGMA AO SYRIZA

COLEÇÃO CRÍTICA ANARQUISTA À DEMOCRACIA



Esse texto faz parte de uma série e um debate internacional analisando a Democracia sob uma perspectiva anarquista. Não só a democracia representativa burguesa é abordada, mas também as experiências de democracia direta nos diversos movimentos e levantes ao redor do mundo nos últimos anos.

Outros textos serão publicados desenvolvendo a questão localmente. Encorajamos também um debate fora das redes. Convide e organize debate sobre a relação entre democracia e anarquismo na sua região.

*Um grupo de discussão está sendo organizado via Crabgrass e pode ser acessado no link:
we.riseup.net/democracyandanarchy*

RUMO À ANARQUIA CADA PASSO É UM OBSTÁCULO

DA PRAÇA SYNTAGMA AO SYRIZA

Estou no pátio da Escola de Belas Artes de Atenas, na Grécia. É 25 de maio de 2011, um dia quente de verão. Um festival anarquista e anti-autoritário de cinco dias começa em seis horas e eu estou lutando para preparar todos os pequenos detalhes que tenho em mente. Estou trabalhando sozinho.

Ando pelo campus acompanhando um electricista de um palco para o outro. Na Espanha, as pessoas foram às ruas por dez dias agora, após 75 anos de silêncio. Elas estão enviando sinais de revolta, trazendo a chama da libertação dos países árabes ao continente europeu. Aqui estamos apenas construindo nosso festival: sistemas de som para três palcos e duas áreas para discussões públicas e palestras; há um palco de teatro, uma área para feira de livros e espaços para as oficinas. Somos cerca de 30 pessoas de dois grupos de afinidade construindo um encontro

para 12 mil pessoas. Agimos como um exército espartano (apenas uma ideia megalomaniaca sobre as incríveis habilidades de um pequeno grupo de combatentes determinados). A mente é como uma nave espacial. As pessoas viajam para outros planetas durante as noites de verão por milhares de anos. Estamos no nosso caminho para a anarquia! Às vezes parece longe; às vezes ela aparece de repente do nosso lado.

Nessa mesma tarde, acontece uma assembleia atrás da Acrópole para as pessoas que esperam trazer a chama da Espanha para a Grécia. Um ano atrás, uma pequena assembleia anarquista semanal reuniu-se na praça Syntagma, em frente ao Parlamento, para falar sobre a crise. Nessa nova assembleia, as pessoas decidem ocupar a praça Syntagma após as convocatórias de ação da Espanha, Tunísia e Egito. Elas fazem um chamado para que outras se juntem a mobilização.

A gente pode fazer um trabalho logístico incrível para preparar um espaço para as pessoas mas, se o espírito de revolta as atrai para outro lugar, o importante é estar lá! Podemos gastar toda a nossa vida construindo um argumento teórico ou uma posição ideológica ou uma infra-estrutura para o movimento — mas quando está acontecendo uma revolta, temos que estar prontos para abandonar o que nos mantém separados e achar uma maneira de nos encontrar, de espalhar ideias benéficas e práticas revolucionárias para quem está se rebelando.

O que apareceu naquele dia foi uma tempestade tropical, um oceano surgindo na frente de nossos olhos, vasto e selvagem. Cem mil pessoas se reuniram de repente ao redor do parlamento, gritando o slogan anarquista clássico contra a democracia: “Queremos Queimar, Queremos queimar o Parlamento, este Bordello!”. Ninguém estava no festival para as palestras da tarde; todos estavam na Syntagma. Mais de oito mil pessoas chegaram

tarde da noite para os shows. A multidão estava em frenesi, compartilhando um entusiasmo desconhecido e selvagem.

Fomos para a ocupação na Praça Syntagma com o coletivo Void Network. Fizemos um comunicado na assembleia anarquista semanal “Para a auto-organização da Sociedade”, que já vínhamos participando há três anos. Alguns dos grupos se recusaram a vir a Syntagma – eles chamavam o movimento de pequeno-burguês, mantinham distância, ficavam apenas observando. Outros grupos e indivíduos anarquistas, autônomos e antiautoritários permaneceram na Praça Syntagma durante todo o verão. Ficamos lá também, espalhando ideias e práticas anarquistas entre inúmeras pessoas desesperadas, participando da organização da Assembleia Geral de Atenas para garantir que todos tivessem a mesma oportunidade de se expressar, para garantir que nenhum partido político ou grupo ultra-esquerdista manipulasse as decisões, para manter a esquerda no controle do movimento.

Outros grupos vieram apenas durante os três dias de confronto com a polícia. Os tumultos foram enormes... Em meio ao colapso financeiro, medidas de austeridade desumanas, desemprego e a inacreditável repressão do Estado... Este foi um dos melhores verões da minha vida.

Quando o governo grego assinou um contrato com o FMI e o Banco Central Europeu em 2010, concordando com as medidas de austeridade, ele deu a todo mundo a chance de ver como os interesses econômicos globais controlam a democracia representativa. As pessoas se sentiam traídas por políticos em quem haviam acreditado durante 40 anos, políticos que haviam colocado no Parlamento para representar seus interesses. Furiosas, sonhavam em incendiar o Parlamento; muitas até tentaram. Cercas de metal e a tropa de choque protegeram o

6
Parlamento por três anos, representando o último obstáculo entre o povo e os interesses econômicos que governam as nossas vidas.

O colapso da fé na representação era também uma espécie de emancipação. As vítimas obedientes da lógica superior e do bom senso se livraram da liderança dos políticos e da manipulação dos jornalistas. Os sindicatos e os partidos perderam a sua influência. Uma nova inteligência e libertação individual e coletiva surgiu em lugar das velhas identidades. Grandes greves tomaram espaço depois de décadas de apatia e obediência entre o que chamamos de público comum, milhões de pessoas participaram das revoltas — gritando primeiro contra si mesmas por acreditarem nos políticos por tantos anos e, depois, contra os políticos.

O povo deu um passo. Isto é o que aconteceu durante o verão de 2011 na Grécia e em muitos outros países.



29 de Maio de 2011: A ocupação na Praça Syntagma



15 de Junho de 2011: Briga contra os manifestantes nacionalistas de direita na Praça Syntagma

Estou na casa de minha mãe. É junho de 2011. Uma social-democrata de 65 anos de idade, ela se pergunta por que as pessoas ainda não conseguiram atacar o Parlamento depois de cercarem o prédio por dias. Ela tem medo de sair às ruas por causa do gás lacrimogêneo, mas sempre me pergunta: “Será que eu também posso ir ao acampamento durante o dia?” Meu tio e minha tia também estão lá, membros do Partido Socialista (PASOK) desde sua criação em 1973; que agora governa o país. Minha tia tem 62 anos. Com os olhos brilhando, ela descreve como ontem à noite a limusine de um famoso ministro do PASOK passou por ela fora do Parlamento. Ela socou a parte de trás da limusine, depois correu atrás dela com outras pessoas para quebrar as janelas e socar o ministro. Ela sente uma libertação — ela se sente livre! Ela deu um passo...

Mas afinal, as assembleias que aconteceram na Praça Syntagma foram libertadoras? Ou foram “democraticamente direta” de modo que ajudavam partidos como Syriza (de esquerda) e Aurora Dourada (fascista) a ganhar um grande número de novos adeptos, por razões diferentes, mas fundamentalmente semelhantes?

As pessoas expressaram-se através das assembleias em todo o país. Pessoas comuns que nunca haviam participado de nenhum tipo de evento público falaram abertamente sobre seus medos mais profundos e seus desejos mais preciosos diante de milhares e milhares de pessoas, com megafones para garantir que todos pudessem ouvir suas vozes claramente. Era como uma espécie de terapia de grupo, uma catarse das ilusões do passado, um salto para o espaço público, uma expedição para as vastas possibilidades do poder social. Foi um verão maravilhoso, todo mundo estava nas ruas conversando com todos sobre tudo.

E ENTÃO A DEMOCRACIA FOI RESTABELECIDADA.

A maior parte das pessoas e movimentos anarquistas não estavam presentes, cometendo o maior erro político neste século, até então. Em todo caso, nós — anarquistas do nosso tempo — ainda não temos respostas anarquistas para a maioria dos problemas que nossas sociedades enfrentam. Sabemos muito bem como desconstruir as ideias dos nossos inimigos, mas nosso pior inimigo é a nossa própria incapacidade de trazer nossos ideais das nuvens do anarquismo até o terreno áspero e sujo da anarquia.

Nestas circunstâncias, sem outras opções concretas, as pessoas se sentiam obrigadas — ou forçadas — a escolher entre o partido de controle social com um líder totalitário de figura paterna, ou o partido social-democrata que prometia escolas, hospitais e uma quantidade de proteção dos tubarões neoliberais ferozes que governam este mundo.

Assim, depois de falar nas assembleias, depois de participar da democracia “direta”, as pessoas voltaram a se alinhar para reafirmar a democracia do Estado. Cada passo que você toma para a liberdade se torna um obstáculo para continuar indo mais longe. *A democracia em si é um obstáculo.*

A democracia do nosso tempo, a maior conquista da civilização burguesa, foi erquida sobre valores que remontam a suas origens aqui em Atenas há milhares de anos.

Os pais Fundadores de todas as nações se imaginavam como os governadores de selvagens sem instrução, massas perversas de pessoas pobres prontas a cometerem todos os tipos de crimes se não fossem controladas. A democracia foi construída por pessoas com o interesse político e econômico de manter as massas sob controle por meio de palavras, não pela espada (e com a espada sempre que as palavras não são suficientes). A democracia representativa é um sistema de controle que constrói uma pseudo-realidade sobre o que é liberdade, mas onde você não tem nenhuma autonomia nas decisões fundamentais da sua vida.

Os Pais Fundadores da democracia — como todos os pais, talvez — temem o pensamento crítico de seus filhos. A democracia mantém as pessoas estúpidas: nos obriga a permanecer num estado infantil de espírito, participando de estruturas sociais obrigatórias, nas quais não podemos realizar a totalidade de nossas capacidades e desejos. Não há necessidade de saber os detalhes exatos das decisões que determinam sua vida: basta votar em quem parece ser bom o suficiente para governar a sua vida. A democracia difunde a corrupção: os líderes drenam os recursos da comunidade. A democracia mantém as pessoas apáticas. Ninguém se importa com a sua opinião; você é apenas uma estatística entre milhões. A democracia nunca te ensinará a falar em público, apenas a ficar em silêncio e ouvir os governantes falarem. Você está lá para aplaudir. Ao longo de toda a sua vida política, você se mantém ausente, *representada*.

A democracia te mantém com medo, com medo dos inimigos da democracia que se esconderam dentro da sua tribo, sua comunidade democrática, sua nação. A democracia ergueu

10
fronteiras na sua vida e agora você tem que proteger essas fronteiras com seu próprio corpo. As fronteiras são criações imaginárias, sociais, mas seu corpo morto no campo de batalha é real. A democracia exclui o resto da humanidade da sua comunidade e prepara um exército, inclusive você, para matar todos os excluídos. Quando você se recusa a matar em nome da democracia, você também sofre a exclusão.

Este sistema tem uma incrível capacidade de reproduzir a si mesmo. Produz escolas, hospitais, teatros, jardins de infância, campos militares, universidades, galerias, museus e parques de diversões. Você pode passar toda a sua vida dentro dessas instituições, e se você tentar fugir delas, provavelmente vai acabar em um abrigo para pessoas sem-teto, numa prisão ou numa clínica psiquiátrica (todas elas também são instituições democráticas). O lado oposto dessa incrível habilidade de se reproduzir é que a democracia é incapaz de se superar, de evoluir para algo diferente ou libertário, da mesma forma que a União Soviética nunca chegou a um paraíso comunista. Ouça o que dizem os Estados democráticos contra aqueles que se revoltam: “Ninguém pode ameaçar a democracia”.

Dessa forma, a democracia nunca muda. Estatutos e políticos podem ser substituídos, mas sempre haverá o mesmo sistema oligárquico, aristocrático no seu núcleo. A democracia está sempre buscando, através de eleições, contratos comerciais e nepotismo, aqueles que melhor irão perpetuá-la.

Isto não deveria ser nenhuma surpresa. A democracia é um método tribal conservador pelo qual certas tribos gregas antigas se reproduziram. Nunca permitirá que você se torne diferente até que você escape da tribo. E hoje, quando o controle do mercado capitalista e do Estado democrático são absolutos em todo o mundo, não há outra maneira de escapar à democracia senão destruí-la.

Mesmo sabendo de tudo isso, algumas pessoas defendem a democracia. Eles querem encontrar uma forma de democracia que não acabe em oligarquia, assim como os comunistas do século XXI que estão à procura de sistemas comunistas que não culminem no totalitarismo. Mas os Pais Fundadores de todas as nações monitoram os democratas de todos os tipos, fazendo olhar de aprovação sobre como a normalidade se mantém — as mesmas condições de exploração, novos rostos nas velhas posições de autoridade.

Este mundo nunca mudará enquanto tivermos medo de cortar suas raízes. A democracia é a alternativa final para todos os que têm medo de entrar no território desconhecido de seus próprios desejos, de seu próprio poder. Da mesma forma, a demanda por democracia “real” é a última maneira dos movimentos sociais se legitimarem na suposta “esfera social” (e evitar a criminalização). Assim como é o passo final, a democracia também é o último obstáculo para as novas possibilidades que surgem nos movimentos sociais.

PODERIA ALGUMA FORMA DE DEMOCRACIA NOS SALVAR DA DEMOCRACIA?

A democracia direta nos oferece uma maneira alternativa de governar nossas vidas. Mas isso é realmente o que precisamos? Queremos reproduzir os limites do velho mundo em menor escala? Queremos que a “assembleia geral” decida sobre nossas vidas? Ou queremos expandir nossas vidas em novas formas de autodeterminação e compartilhamento aberto de criatividade, para oferecer nosso poder livremente para o benefício de toda a humanidade, no entanto, nós (e aqueles com quem compartilhamos nossas vidas) acham adequado?

Quando faço parte da assembleia da Void Network, tenho que levar em conta as necessidades e os interesses de todos os

meus companheiros, e nosso grupo tem que levar em conta as necessidades e desejos do maior número possível de pessoas neste mundo. Se não cuidarmos uns dos outros, não haverá Void Network, e se não cuidarmos das pessoas fora do nosso grupo, não haverá nenhuma conexão entre nós e o mundo. Não existe uma assembleia geral que saiba melhor do que nós como podemos aproveitar ao máximo as nossas capacidades para beneficiar as pessoas que nos rodeiam. Esta é a diferença entre um grupo de afinidade, que produz um poder coletivo e expansivo, de uma assembleia democrática, que concentra o poder fora de nossas vidas e relacionamentos, alienando-nos de nós mesmos e uns dos outros.

A democracia direta deve eliminar a apatia produzida pela representação, uma vez que ela aparece como uma forma de democracia “participativa”. Mas é a ideia termos uma assembleia de milhões de pessoas? Seria essa assembleia realmente capaz de nos oferecer liberdade e igualdade? Ou cada um de nós apenas se sentiria como uma estatística enquanto esperamos por dias a nossa vez de falar. Por outro lado, se reduzimos essa forma ao minúsculo nível de uma assembleia de bairro, não nos atrapalhamos em um microcosmo como formigas de grandes dimensões?



15 de Junho de 2011: A tropa de choque em formação atrás da faixa que diz “DEMOCRACIA DIRETA”

Qualquer tipo de “democracia direta” reproduz as mesmas condições que a democracia representativa, em menor escala. A maioria vence a minoria, conduzindo-a à apatia. Muitas vezes, você nem sequer tenta expressar sua opinião, já que você sabe que não terá chance de colocá-la em prática. Muitas vezes, você tem medo de falar, você sabe que você será humilhada pela maioria. A homogeneidade é o imperativo último de qualquer procedimento democrático, “direto” ou representatividade — uma homogeneidade que termina como duas opiniões finais (a maioria e a minoria), perdendo a vasta riqueza da inteligência e da sensibilidade humanas, apagando toda a complexidade e diversidade de necessidades e desejos do ser humano.

É por isso que mesmo as assembleias diretamente democráticas podem acabar por decidir pela realização de genocídios desumanos, como o que a antiga Atenas praticou contra o povo de Mylos em 416 aC. As pessoas excluídas

foram escravizadas e estupradas como resultado de decisões democráticas diretas.

Na democracia direta “só membros” participam. Por ser menor, exclui ainda mais pessoas do que a democracia representativa — produzindo bolhas isoladas que lutam entre si como as cidades-estado da Grécia antiga. Todo mundo é um estranho,



28 de Junho de 2011: Bandeiras nacionalistas substituem a faixa que exigia democracia direta.

um estrangeiro, um possível inimigo; é por isso que a comunidade tem que construir exércitos para se defender e você tem que morrer para proteger a opinião da maioria, mesmo que você discorde dela. Quem não aceitar a decisão merece punição — como Sócrates, a mundialmente famosa vítima da democracia, e milhares de outros. Os líderes carismáticos encontram a melhor conexão direta possível com seus seguidores, e os mecanismos democráticos para manipular a opinião pública trabalham melhor do que nunca! A democracia direta nunca nos libertará da democracia.

Meses depois eu estava outra vez na casa de minha mãe. Era início de Setembro, poucos dias antes do Occupy Wall Street. Eu escrevia e-mails para camaradas dos EUA sugerindo que expandissem os acampamentos para todos os estados, que propagassem as ideias e metodologias anarquistas nas assembleias do movimento Occupy.

Meu tio também estava lá. Enquanto olho para o computador, ele me diz: “A gente decidiu mudar do PASOK, para o partido comunista europeu, o SYRIZA”. Fiquei aterrorizado, porque eu sei que quando ele diz: “Nós decidimos”, ele fala por cerca de dois milhões de pessoas. É como se eu conhecesse todos individualmente — eles são os filiados traídos do PASOK, e ele esteve no partido social-democrata desde o primeiro dia até o final. Syriza teve apenas 4% dos votos outro dia atrás. Fico olhando para ele, vendo dois milhões de zumbis andando apenas alguns passos de uma festa para outra. Eu quero gritar, “VOCÊ TEM QUE SE MOVER MAIS! CADA PASSO É UM OBSTÁCULO NOVO! VOCÊ NÃO PODE PARAR AI...”

Anarquistas têm muito o que fazer antes de poder falar com esse tipo de pessoa. São os realistas, essas pessoas que entendem a política como a gestão da realidade.

Eu imagino a história como uma guerreira: ela nos olha com um sorriso amigo e as revoltas explodem nas ruas. Sinto a história partir de Atenas depois de ficar muito tempo por aqui, agora que o Parlamento encontrou uma nova maneira de restabelecer esperanças delirantes na mente das pessoas. Três anos e meio depois, em 2015, as ruas continuam em silêncio e os euro-comunistas do SYRIZA ganham as eleições com um slogan de campanha de apenas uma palavra: ESPERANÇA. (A última coisa que restava na caixa de Pandora). Para mim, parece mais como DESESPERO.

Uma das primeiras coisas que o Syriza fez no governo foi remover as grades de metal e a tropa de choque do Parlamento. O Parlamento está a salvo de novo. A democracia nunca muda. Apenas se reforma e se reproduz.

DEFENDENDO UM ESPAÇO LIVRE NA PRAÇA SYNTAGMA

Cada passo é um novo obstáculo. Há 2600 anos na Grécia e há dois séculos na Europa a luta pela democracia libertou as massas da miséria. Alguns anos mais tarde, as massas se encontram exatamente nas mesmas condições — numa guerra eterna com todos os possíveis forasteiros, onde temos o direito de votar. Cristianismo e Islamismo atraíram milhões de pobres com promessas de justiça social e amor eterno; alguns anos mais tarde, se tornaram ferramentas ideológicas para genocídios massivos em todo o mundo, inimigos absolutos da emancipação humana e obstáculos ao surgimento da espiritualidade humana. O Partido Comunista, proclamado como a voz de todos os sem voz, tornou-se o pior inimigo da liberdade de expressão. Anarquistas tornaram-se ministros e governadores na revolução espanhola — e a CNT, a grande organização para a libertação dos trabalhadores, articulou para que trabalhassem nas fábricas durante toda a vida até suas heróicas mortes. É

muito possível sacrificar nossas vidas para nos libertar das prisões do velho mundo e então nos encontrar prisioneiros de uma nova prisão com celas confortáveis.

29 de Junho de 2011: Tropa de choque Grega, os novos hoplitas (principais soldados gregos da antiguidade) impondo a democracia aos explorados e excluídos.



O anarco-comunismo, uma visão emancipatória que todos partilhamos na Void Network, é uma velha visão de um mundo sem dinheiro e sem fronteiras. Mas precisa ser atualizado para o século XXI — caso contrário, ele permanecerá em nossas mentes como um fantasma mitológico, outro obstáculo. Se queremos um mundo sem dinheiro, isso significa que temos que transformar o trabalho em criatividade livre, transformando os locais de trabalho em belos espaços de participação voluntária e criativa numa rede global que distribui livremente toda a

produção material e intelectual. A vida tem de ser organizada em torno da produção de desejos e da satisfação das necessidades. Se queremos um mundo sem fronteiras, isso significa um mundo em que nenhuma pessoa é considerada “estrangeira” — dessa forma, você não será uma “estranha” em qualquer lugar do mundo em qualquer momento de sua vida. Temos de transformar as “sociedades” em comunidades abertas e inclusivas que estarão totalmente conectadas em uma rede global, para que todas sejam bem-vindas e úteis em qualquer momento e em qualquer lugar do planeta, não divididos em grupos isolados, auto-suficientes e xenófobos. Temos que abrir “nós mesmos” à diferença de todos as “outras”.

Nas oito décadas que se seguiram ao colapso da Revolução Espanhola, anarquistas evitaram oferecer planos sólidos para suas revoluções. Enquanto isso, durante esses anos, o capitalismo evoluiu para níveis que as mentes revolucionárias do final do século XIX não poderiam ter imaginado. O capitalismo global está aqui, o anarquismo global não.

Uma revolução anarquista só é possível se realizada em escala planetária — não em escala local, e nem em ilhas isoladas. Mesmo que demore 200 anos para que uma revolução anarquista se estenda a todos os cantos do mundo, isso precisa ser imaginado, planejado e realizado.

Ser reduzirmos a escala de nossas estruturas organizacionais a pequenas assembleias de bairro ou minúsculas comunidades ecológicas, nos encontraremos lidando com problemas que passam por nossa pequena comunidade como as enormes ondas do mar passam por um pequeno e frágil barco de pesca. O neototalitarismo nunca nos deixará em paz numa vida alternativa em bolhas eco-paradisíacas (até porque o neoliberalismo vai vender férias aos ricos bem ali). Não podemos fechar os olhos para o sofrimento deste mundo.

Por outro lado, se permitirmos que formas antigas ou novas de estruturas autoritárias de massa nos obriguem a abraçar suas noções de eficiência e praticidade, acabaremos no ventre de um novo monstro burocrático. Precisamos de uma rede global de comunidades em luta, uma rede de milhões de grupos flexíveis prontos para lutar contra o totalitarismo, criar zonas livres a defendê-las contra os inimigos, e conectá-las numa onda revolucionária de emancipação social global — e fazer tudo isso sem controle central.

Em 1964, Marshall McLuhan escreveu em seu livro “Os meios de comunicação como extensão do homem”, que:

Os gregos tinham a noção de um consenso ou de uma faculdade de “senso comum” que traduzia cada sentido em cada outro sentido e conferia consciência ao homem. Hoje, quando ampliamos todas as partes dos nossos corpos e sentidos com a tecnologia, somos assombrados pela necessidade de um consenso externo de tecnologia e de experiência que elevaria nossa vida em sociedade ao nível de um consenso mundial. Quando o que temos é uma fragmentação mundial, não é estranho pensar em uma integração mundial. Tal universalidade do ser consciente para a humanidade foi sonhada por Dante, que acreditava que os homens continuariam a ser apenas fragmentos desmembrados até que se unissem através de uma consciência inclusiva.

Poderia a anarquia — liberdade total, igualdade social e econômica absoluta e comunhão global — oferecer uma consciência inclusiva à humanidade fragmentada para o século XXI?

Não é simples nem mesmo começar a pensar nisso. E se queremos uma visão de emancipação que seja criada social e

coletivamente, temos de evitar soluções simplistas e a liderança de indivíduos específicos. Por exemplo, Karl Marx era um homem muito esperto, mas o marxismo é um obstáculo para o pensamento livre.

De qualquer forma, somos anarquistas. Estamos lutando contra o Estado e o capitalismo para abrir caminhos — práticas, estratégias e metodologias — que levam à total liberdade, igualdade social, ajuda mútua e autodeterminação. Temos que encontrar uma maneira de nos conectar, para que juntos possamos transformar as condições que produzem nossa realidade. Contra a homogeneidade, temos de capacitar a diversidade; contra a certeza, temos que permitir que todas as verdades se tornem realidade; contra a exclusão, temos que defender o estranho, o queer, o velho, o jovem, o aberrante, o desconhecido; contra as fronteiras, queremos viver abertamente; contra a atomização, cuidar das outras, aprender uns com umas com as outras, realizar nossos grandes planos e alcançar nossos objetivos finais. Caso contrário, a autoridade política estabelecida e os interesses econômicos se reafirmarão em versões sem fim das mesmas circunstâncias. Este mundo nunca mudará até que ousemos viver livres, compartilhar tudo, espalhar a anarquia!

No verão de 2011, dezenas de milhares de pessoas se reuniram na Praça Syntagma, em frente ao parlamento grego em Atenas para expressar uma rejeição completa do governo e ter experiências com a democracia direta. No ponto alto dos protestos, mais de cem mil pessoas entraram em confronto com as autoridades. Anos mais tarde, muitas das pessoas que inundaram Syntagma decidiram entrar para as fileiras do partido no poder, o Syriza, (<http://www.crimethinc.com/texts/r/syriza/>) ou do partido fascista chamado Aurora Dourada. Neste relato, anarquistas trazem reflexões sobre os acontecimentos de 2011 e seus os desdobramentos, ilustrando de que forma o que era visto como passos em direção à libertação se converteu em vários obstáculos no dia seguinte. Assim, formulando as perguntas que anarquistas terão que responder se quiserem abrir o caminho para a liberdade novamente.

